

Abertura

Nesta edição de número 10 da revista *Rebento*, intitulada **Voz: técnica, processos poéticos, experiência e performance**, dedicada ao fenômeno vocal, a multiplicidade de vozes e de saberes se faz presente. Primeiramente, por meio de nós, editoras e editores, pesquisadoras e pesquisadores, docentes do Instituto de Artes da UNESP, que já representamos áreas diversas das Artes Cênicas, das Artes Visuais, da Literatura, da Música e, ainda, dos espaços possíveis “entre” essas áreas. Depois, pelos artigos, que revelam esses diferentes enfoques.

A vocalidade humana, que norteia as contribuições aqui apresentadas, é marca indubitável da unicidade de cada ser, rastro desse corpo também único. Mas traz em si um paradoxo: a “ausência presente”, de Doris Kolesch¹ – pois no instante mesmo que produzimos a voz, já está ela a nos deixar e procurar outros corpos e espaços. Corre pelo entorno, constrói novos espaços, ressoando naquele que fala e naquele que ouve. Embora sendo “nossa voz”, não permanece apenas em nós. Talvez daí o fascínio que exerce! A efemeridade da voz, entretanto, nem de longe reduz sua potência, haja vista a capacidade de tocar o outro, de metamorfosear-se em arte, de transitar pelas múltiplas linguagens artísticas em que está presente, assumindo as mais diversas possibilidades sonoras: sonoridades primordiais que nos compõem, sons que nem imaginamos que nos habitam e, por último, seu papel nos processos da fala e seus passeios pelas várias línguas, representantes das diversas tradições e povos, variedades pulsantes e sempre mutantes.

Assim, falamos neste volume 10 da *Rebento* sobre a voz – mas sabemos serem vozes, porque sempre múltiplas – revelando a pluralidade dos seres e a “unicidade” de quem a produz, como enfatiza Adriana Cavarero². Para essa pensadora, a voz implica sempre numa relação, mesmo do ponto de vista fisiológico. Voz que nos identifica, que “nos” comunica o mundo e ao mundo,

¹ KOLESCH, Doris. Zwischenzonen. Zur Einführung in das Kapitel. In: KOLESCH, Doris; PINTO, Vito; SCHRÖDL, Jenny. (Hg.) **Stimm-Welten: Philosophische, medientheoretische und ästhetische Perspektiven**. Bielefeld: Transcript, 2009, p. 13-22.

² CAVARERO, Adriana. **Vozes Plurais: Filosofia da Expressão Vocal**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

através de sua essência sonora, antes mesmo de se moldar em palavra. Singular, a voz é discurso encarnado, motor de uma política relacional, além de trazer a possibilidade de gerar outras *personas*, como frequentemente acontece no fazer artístico.

A opção pela configuração de quatro seções de artigos – “Vozes em Ensaio”, “Vozes em Descoberta”, “Vozes em Ação na Cena” e “Vozes em Luta” – juntamente como o “Ensaio Visual” e “Entrevista”, portanto, atende ao desejo de instaurar um contorno para essas diferentes perspectivas adotadas, lembrando também que tais colaborações transbordam de seus limites, afetando outros saberes.

O “Ensaio Visual” que abre a *Rebento* 10 é de autoria do artista visual, professor e poeta Omar Khouri, habitante do trânsito entre palavra, som e figuração. O texto **“A Gênese dos quadrinho sem figuras nem (propriamente) palavras ETC”**, também de sua lavra, narra o contexto de criação do conjunto de quadrinhos, desde o encontro com a Poesia Concreta e seus criadores, no início da década de 1970, até a produção mais recente, em 2015, nos convidando a sonorizar o indizível que sugerem as imagens.

Na primeira seção de artigos, “Vozes em Ensaio”, os textos apresentam a voz em seus aspectos técnicos e pedagógicos, focalizando as habilidades de cantores, atores e dançarinos. Tiago Elias Mundim e César Lignelli, no artigo **“Acting Through Song: A música como norteadora para o desenvolvimento das habilidades do ator-cantor-bailarino no Teatro Musical”**, comentam o processo de treinamento de habilidades técnicas combinadas – necessário ao intérprete contemporâneo que pretende se dedicar às formas de teatro musical e que é desafiado a manejar a música em conexão com a atuação e a dança. Lucila Tragtenberg, em **“Aspectos da técnica vocal espanhola no Brasil”**, discute a técnica que o chileno Victor Olivares Hormazabal trouxe ao nosso país, em contraste com a técnica alemã. A autora descreve aspectos fisiológicos da voz falada e cantada na perspectiva da técnica espanhola, enfatizando os ganhos na articulação, dicção, projeção e na recuperação de vozes. Eugênio Tadeu Pereira, em **“Roteiros de aquecimento vocal no ofício das Artes Cênicas”**, compartilha conosco os resultados de pesquisa a respeito do aquecimento na prática cênica, que realizou com vinte e um professores da área de voz e mais de uma centena de estudantes brasileiros e portugueses, chegando à

formulação de uma espécie de roteiro-síntese de aquecimento.

Na segunda seção de artigos, “Vozes em Descoberta”, estão reunidas propostas que se voltam para a expressividade da voz em diferentes contextos – no teatro, na canção, na dança e no canto erudito. Clara Rocha da Silva assina o artigo **“Trabalho vocal técnico-expressivo do ator a partir da improvisação teatral”**, sobre exercícios improvisacionais para desenvolver em estudantes de teatro a consciência e a expressividade da voz, integrando aspectos técnico-expressivos, corporeidade e pensamento. Rochele Resende Porto, em **“Escuta e movimento: pedagogia vocal na formação de professores/artistas de Teatro e Dança”**, problematiza sua experiência como docente nos cursos de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Dança, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), na qual lançou mão da meditação como uma prática da escuta de si, favorável à ampliação das interações entre corpo, movimento, silêncio e palavra em sala de aula. Porto acrescenta que a meditação no trabalho híbrido do movimento e da voz também regeu modalidades de encontro entre a professora/artista e os educandos. Achille Picchi, autor de **“Reflexões sobre a vocalidade na canção de câmara”**, analisa a língua e a linguagem, para tratar do canto, espontâneo ou trabalhado. A canção de câmara é tratada pelo autor por meio dos elementos de texto-música, pianismo e vocalidade, numa totalidade que a torna objeto de interesse para o trabalho interpretativo e musical. António Salgado, no artigo **“Expressão e cognição da E-moção no canto erudito”**, emprega tecnologias de mapeamento e digitalização *3-point-light technique* e *ProReflex Camera System*, ao lado de entrevistas, para dar suporte à exploração do problema da expressão e comunicação da emoção por meio da *performance* vocal do cantor. A metodologia quantitativa busca avaliar a relação entre gestualidades facial e vocal do(a) intérprete em contexto de performance musical, com a intencionalidade de expressão do conteúdo emocional.

Na seção “Vozes em Ação na Cena”, a terceira, temos uma abordagem da voz no teatro, fundamentada em grandes nomes da área, sob diferentes perspectivas que ratificam a pluralidade da voz. Desirée Pessoa, em **“A peste na voz e a resignificação da palavra: Reflexão de pressupostos de Antonin Artaud a partir do espetáculo *Olhar de Frente*”**, mergulha na produção do Núcleo de Experimentação e Expansão da Linguagem Cênica

(NEELIC), de Porto Alegre, que fundiu a obra de Artaud às dramaturgia de Shakespeare e Beckett, na montagem do espetáculo “Olhar de frente”, provocando uma relação com o espectador na dimensão corpóreo-vocal que expande as palavras por meio de ruídos, repetições, silêncios e gestos. O trio de autores Giovanna Xavier Lavagnoli, José Manoel de Souza Júnior e Marcos Machado Chaves relata em “Voz e discurso em montagens cênico-performativas: dois casos de exposição e fragmentos” os processos criativos e pedagógicos da Cia. Última Hora de Artes Cênicas, de Dourados (MS), nas obras de caráter performativo intituladas “Fica, vou me expor” e “Fragmentos de corpos urbanos”, que entrelaçam a categoria Voz às ideias de exposição e denúncia.

Ainda nesta seção da revista *Rebento*, Luciano Mendes de Jesus e Sayonara Sousa Pereira retomam o legado de Jerzy Grotowski, no artigo **“Por que os Cantos de Tradição? E Cantar, por quê?: Liberdade e ética no final do percurso artístico de Jerzy Grotowski”**, para discutir o canto ritual e a experiência do cantar como estratégia sutil de trabalho com a energia, que pode inspirar o(a) performer na vida e na arte. Por fim, Rodrigo Reis Rodrigues propõe uma leitura da glossolalia direcionada à criação cênica e musical, em **“Glossolalia intensiva: Abordagem fonoarticulatória em processos criativos da vocalidade nas artes performativas”**, inspirando-se nos pensamentos de Artaud, Nietzsche, Deleuze e Guattari e Pélibart, e nas criações da Taanteatro Cia. e no laboratório de criação de sua autoria, que resultou no concerto “ECO”, para ensemble, apitos ornitológicos e voz.

Na quarta seção de artigos, “Vozes em Luta”, possibilita-se um espaço de discussão libertária; isto é, a *voz dá voz* a quem quer se expressar e se colocar livremente no mundo hodierno. São três artigos que destacam as vozes que pulsam os sons do ambiente. Maria Alves de Carvalho é autora de **“A escola pública e o direito à palavra: violências simbólicas e intervenções artísticas sobre o silenciamento e a voz das estudantes”**, que relata aspectos políticos e sociais da sua experiência como educadora de artes na Rede Municipal da cidade de São Paulo, durante o processo de estudos sobre cultura visual: no projeto de criação de cartazes pelos estudantes, o *ato de ler* em uma perspectiva crítica chocou-se com disputas de discurso e mostrou a necessidade de construção de vozes

contra-hegemônicas. Roberta Estrela D’Alva abre a cena das práticas da poesia performática urbana, em **“Slam: voz de levante”**, enfocando a trajetória da poeta Luz Ribeiro, enriquecida pelos estudos e criação fílmica da autora sobre a auto-apresentação, a libertação e o empoderamento das mulheres negras e periféricas por meio da *poetry slam*. Luisa Francesconi volta-se para a ópera no texto **“Voz e gênero na ópera: desnaturalizando os papéis en travesti a partir da teoria da performatividade de Judith Butler”**, no qual observa aspectos históricos e vocais dos papéis *en travesti*, pelo recorte da musicologia feminista e da musicologia *queer*.

Na “Entrevista” final, com título **“Entrevista com Wagner Barbosa preparador vocal certificado pelo método IVA”**, Cassiano Weigert Fraga conversa com Wagner Barbosa sobre dois métodos contemporâneos de treinamento vocal para atores e cantores, o *Speech Level Singing* e o IVA, e suas referências no *bel canto* e na teorização de Ingo Titze.

Por meio de textos, ensaio visual e entrevista aqui conjugados, refletimos que apenas na intersecção é que se pode vislumbrar a apreensão das vozes que nos movem. Nesse trânsito contínuo entre o eu e o outro, entre a presença e a não-presença, entre dentro e fora, entre som e significado, as vozes nos apaixonam. Se *vozes* são relação e interação, motivadas no espaço entre a expressão de uma falante e a escuta de outro, dando forma ao prazer e ao político, é nesse movimento que gostaríamos de envolver vocês, leitores, para tocá-los e contagiá-los com esta edição da *Rebento*.

Fábio Miguel

Lúcia Romano

Suely Master

Wânia Mara Agostini Storolli

Wladimir Farto Contesini de Mattos